

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS EM GEOGRAFIA FÍSICA

Maria da Gloria Rocha Ferreira DEGEO/UFMA gloriaferreira@zipmail.com.br

1 INTRODUÇÃO

Tomando-se por base o entendimento de que o estudo dos componentes físicos da natureza englobam a interface destes com a sociedade e que esta através do processo de interação produz mecanismos que acabam por alterar o quadro natural, através do jogo de influências exercido por ambos; considera-se que os procedimentos metodológicos voltados para facilitar uma maior aproximação/melhor conhecer/perceber os fenômenos a serem desvendados, constituem-se em aspectos fundamentais na construção de uma visão dinâmica sobre os mesmos, onde os aspectos climatológicos, hidrográficos, de vegetação e relevo somatizam-se de forma coerente às condições presentes.

É nesse contexto que se insere o Trabalho de Campo-TC, como instrumental valioso no processo de apropriação do real, através da observação empírica, a qual assume uma ampla dimensão, na medida em que o enfoque do conhecimento local, específico, é considerado como ponto de partida para a efetivação da compreensão do mesmo em escalas mais amplas, extrapolando a pura e simples descrição, tradicionalmente concebidas, para a partir dele haver a ampliação e aprofundamento do assunto através da associação dos resultados obtidos e o referencial teórico específico.

Referido procedimento recebeu denominações variadas, ao longo do tempo, estando estas diretamente relacionadas ao momento histórico de sua concepção, e conseqüentemente utilização. Atualmente admite-se que o mesmo encontre-se inserido num processo de discussão conceitual, visando um redimensionamento de sua práxis, para uma parcela significativa da comunidade integrante da geografia, tomando-se como indicador, o volume e enfoque dos trabalhos produzidos e apresentados nos eventos científicos da área.

Propõe-se, portanto, na presente abordagem, buscando apoio teórico na concepção de diversos autores, recuperar a práxis desse recurso técnico pedagógico, no âmbito da sua utilização voltada para área do ensino, bem como para a da investigação científica.

Conclui-se com a apresentação de um Roteiro para Realização de TC, o qual entendemos poder ser usado pelos profissionais da área, integrantes das diversas tendências teórico-metodológicas, pois acredita-se que um roteiro por si só constitui-se um instrumento neutro, será a postura do pesquisador que o direcionará no processo de construção científica.

2 A PRÁTICA DO T.C NA ÁREA DE GEOGRAFIA FÍSICA.

Tentando estabelecer um marco temporal para a utilização do procedimento metodológico *trabalho de campo*, no âmbito da geografia, como um todo, pode-se visualizar, na realização de viagens empreendidas por naturalistas dos séculos XVIII e XIX, que têm como finalidade a ampliação e/ou reconhecimento de domínios territoriais para os detentores do poder, os momentos iniciais de um conhecimento que mais tarde se tornaria científico.

Assim, a produção de relatos minuciosos sobre os componentes naturais das áreas visitadas por estudiosos da época, baseados predominantemente na observação e descrição dos lugares, são considerados peças de singular importância na documentação comprobatória de um saber produzido em um espaço/tempo.

Dentro dessa linha de raciocínio, a atuação dos precursores da Geografia, enquanto conhecimento científico, é de grande importância, na medida em que suas contribuições alavancaram o processo de sistematização da geografia moderna os quais utilizaram (principalmente Humboldt) como instrumento de análise dos aspectos naturais das terras desconhecidas, viagens com a finalidade de levantar dados científicos, dos lugares percorridos.

Inserido nessa discussão Seabra (1997, p. 48) ressalta que:

(...) Humboldt (...) em virtude de ser um rico membro da aristocracia germânica, empreendeu inúmeras viagens através dos continentes e mares, durante as quais recolheu diversos dados científicos, sempre determinando as latitudes, longitudes e altitudes dos lugares por onde passava. Usou pela primeira vez as isotermas e mediu as temperaturas da corrente marítima, mais tarde denominada *Corrente de Humboldt*.

O referencial teórico acima enunciado evidencia o significado das viagens caracterizadas como de descobrimento e de reconhecimento empreendida por estudiosos, desde os primórdios dessa ciência, apresentando como singularidade, ao longo do tempo, os propósitos a serem atingidos, vinculados às concepções ideológicas vigentes.

É importante destacar que a prática do TC acompanha todo o caminho evolutivo da ciência geográfica, sendo possível identifica-lo como procedimento metodológico inserido nas escolas Determinista e Possibilista, com caráter puramente descritivo e narrativo dos elementos do meio natural ou humano.

Referente a abordagem metodológica utilizada na Escola Possibilista, Mendonça (2001, p. 32) afirma que a geografia física *lablachiana* colocou em vigor os trabalhos de campo promovendo bem marcadas descrições, classificações, comparações e correlações das partes integrantes do conjunto regional, produzindo ao final tipologias fisionômicas.

No que se refere à prática do TC, durante o período compreendido entre a sistematização do saber geográfico até o início da década de 50 do século XX, as questões teórico – metodológicas a ele relacionados, vão prender-se à observância do trabalho científico ao nível do conhecimento do aparente, ou seja, baseado nas impressões primárias que o fenômeno observado oferece, sem ultrapassar a descrição, enumeração e classificação destes, como ficou evidenciado, circunscrevendo-se assim “ numa visão empobrecedora da realidade, reduzindo-se esta a mero empirismo” (MORAES, 1996, p.22).

Nessas circunstâncias, o papel desempenhado pelo T.C. vai favorecer o fortalecimento da base filosófica sobre a qual assenta-se a Geografia, recebendo a denominação de ciência empírica, por fundamentar-se na observação, obviamente.

As correntes resultantes dos movimentos de renovação da ciência geográfica, que trazem no seu bojo preocupações, acentuadamente, metodológicas, segundo a visão crítica de vários estudiosos, deixam de priorizar a ocorrência do processo de observação *in loco*,

por, talvez, não se caracterizar, de forma contundente, como um procedimento que contemplasse os critérios de rigor científico, como o exigido, conforme o exposto por Maia (1998, p. 72) “A partir do momento em que a Geografia ‘rompe’ com a chamada escola tradicional dá-se um ‘corte’ na realização das descrições. Há conseqüentemente, um ‘abandono’ das discussões dos escritos etnográficos, como também sobre a metodologia de trabalho de campo, ou mesmo um certo descaso na realização destes.”

Ponderação similar à anteriormente explicitada é a destacada por Moraes (1996, p. 102) quando diz que da contagem e enumeração direta dos elementos da paisagem, da descrição apoiada na observação de campo, para as medidas, os índices, os padrões e as correlações matemáticas, há um empobrecimento do grau de concretude do pensamento geográfico.

Relativo as tendências atuais da Geografia Pragmática e sua vinculação com o TC, torna-se mister colocar que apesar da mesma caracterizar-se, inicialmente, por não privilegiar a observação de campo, contemporaneamente, a eficácia dos recursos tecnológicos disponíveis para auxiliar o geógrafo na leitura dos fenômenos, não descarta a utilização do TC, ao contrário, há um reconhecimento e valorização cada vez maior desse recurso na produção do conhecimento geográfico. Também na abordagem da Geografia Crítica e em alguns segmentos da corrente anteriormente mencionada, há que serem destacadas as situações de pesquisa com enfoque qualitativo (não sendo aqui usado como perspectiva oposta ou excludente, com relação à pesquisa quantitativa, mas de complementaridade mútua), praticada hoje por uma parcela da comunidade geográfica, na qual as técnicas utilizadas privilegiam a aproximação do sujeito através do contato direto com o objeto a ser estudado, como pode ser constatado através do posicionamento de Silva citado por Sansolo (2000, p.135) “(...) na Geografia Pragmática ou Sistêmica (...) e na Geografia Crítica não foram dispensados as práticas de observação de campo, apesar das técnicas cibernéticas, do sensoriamento remoto e outras técnicas disponíveis.”

Através da literatura específica disponível aqui referenciada infere-se que, considerando os objetivos da realização do procedimento em referência, o mesmo constituiu a forma pela qual o conhecimento geográfico sedimentou-se ao longo do tempo, bem com, continua fazendo parte da construção histórica recente desta ciência.

2.1 Revisão do Termo Trabalho de Campo

Conforme o focado na parte inicial deste trabalho, inicialmente a atividade ora aludida é identificada como *viagem* de reconhecimento, a qual é usada antes e após o processo de sistematização da geografia, apresentando conotações político – ideológicas diferenciadas; passando pela denominação de *excursão* ou excursão geográfica durante um amplo período, a qual, na nossa concepção, encontra-se vulgarizada, atualmente, dado o seu emprego em situações de lazer e diversão o que trás, como conseqüência, a sua descaracterização como atividade acadêmica/escolar ou técnica.

Outra forma de designação identificada na presente retomada de significados refere-se a *estudo do meio* como sua indicação, a qual foi e ainda é amplamente utilizada, acentuadamente no nível da Educação Básica; para finalmente ser assimilado o termo *trabalho de campo* que entendemos traduzir com propriedade a finalidade a que se destina, como seja, trabalhar em contato com a realidade “para correlacionar atividades de sala de aula com problemas reais (ensino), ou num mesmo local, confirmar ou refutar as

colocações mencionadas na bibliografia; e complementar informações dos livros ou textos lidos (pesquisa)” (MENDES NETO, s/d).

A partir, portanto, das argumentações colocadas, propõe-se que o entendimento de campo ora presente como aquele restrito ao ambiente natural alcance significado mais amplo, pois acredita-se que a partir do momento em que há o deslocamento da sala de aula (no caso da atividade pedagógica) ou do gabinete (atividade de pesquisa), para outros ambientes, mesmo em si tratando, por exemplo, de instituições ou similares, onde o objetivo do TC seja observar estruturas e funcionamento de instrumental técnico – científico, de áreas de interesse para o estudo geográfico, o ato de deixar o local convencionalmente identificado para determinada prática, para outro sem essa conotação, por si só já são atividades de campo.

Acredita-se que referido sentido de ampliação na denominação do procedimento em discussão contemplará uma prática grandemente desenvolvida, tanto na área da investigação (pesquisa) como da atividade pedagógica.

2.2 Proposta de Sistematização

Considerando, portanto, a importância da utilização do TC no fazer geográfico, conforme o evidenciado, necessário se torna a sistematização das várias etapas pelas quais passam a sua execução, tanto em nível da prática pedagógica, em sala de aula, como da investigação científica, através da ação do planejamento.

Assim, propõe-se a seguir, o encaminhamento para a organização da ida ao campo, de forma sistematizada, através de um Roteiro Básico, o qual tomou por base a coletânea de texto organizada por Mendes Neto (s/d) inserindo-se neste, algumas alterações com a finalidade de torna-lo mais claro e procurando contemplar/priorizar aquelas fases que, entende-se serem importantes nessa prática.

3 ROTEIRO BÁSICO PARA TRABALHO DE CAMPO

1 IDENTIFICAÇÃO

Devem ser informados todos os dados que possam identificar a atividade a ser realizada, incluindo o nome da(s) pessoa(s) que participarão do TC.

Assunto

Local

Data

Meio de transporte

Tempo previsto

Participante (s)

2 OBJETIVOS

Deverão ser explicitados os resultados que se pretende com o T.C., de forma ampla, os gerais, e aqueles decorrentes dos gerais, que definem operacionalmente os tipos de resultados que se espera obter com a sua realização, os específicos.

2.1 Gerais

2.2 Específicos

3 PROCEDIMENTOS ANTERIORES AO T.C.

Esta etapa refere-se ao planejamento e organização do estudo, antes da ida ao campo. Aqui serão previstos os procedimentos que irão subsidiar a realização da atividade, como pesquisa em fonte secundária sobre o assunto/área objeto do trabalho, palestras e outras visando oferecer uma maior sustentação teórica. Serão estabelecidos os objetivos do TC, indicado o roteiro de trabalho (atentando para a necessidade do conhecimento anterior da área) o estabelecimentos de contatos também deverão ser indicados, os instrumentos/equipamentos que serão utilizados para levantamento dos dados/informações, bem como o cronograma a ser seguido .

Paralelamente ao planejamento do TC devem ser efetivadas as providências administrativas como: reservas em pousadas, alimentação, avaliação do transporte escolhido e outras.

4 ATIVIDADES DE CAMPO

Refere-se à realização do trabalho de campo em si, considerando todos os aspectos que foram anteriormente planejados, ou seja, esta etapa prende-se à execução do previsto.

Registro dos elementos observados – Relaciona-se à captação de aspectos complementares, sobre o observado e que podem ser colhidos através de instrumentos como: caderneta de anotações, fotografias, croquis e outros.

Coleta de dados/informações - Será o direcionamento para responder aos questionamentos levantados a cerca dos elementos visíveis, tais como: relevo, solo, drenagem e outros, ou eliminar dúvidas relacionadas a aspectos invisíveis como antecedentes históricos da área, e que originaram o interesse sobre a realização do TC, utilizando-se para tal, a aplicação de questionários e/ou formulários, realização de entrevistas, mensuração de altitudes, temperaturas, débitos, ou a coleta de amostras, de materiais, dependendo dos objetivos propostos.

5 PROCEDIMENTOS POSTERIORES

Quando do retorno do TC torna-se necessário a observância de alguns cuidados relativos aos procedimentos voltados para a sistematização das informações e/ou dados levantados/coletados.

5.1- Formas de tratamento dos dados coletados - indicação das técnicas/ procedimentos que serão utilizados para Tratar os mesmos.

5.2- Elaboração dos resultados - atentando para o estabelecimento de relação entre os resultados obtidos e o referencial teórico já produzido dentro da área, visando a ampliação e aprofundamento do assunto enfocado.

5.3- Redação Final do Trabalho.

6 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Deverão ser indicadas as formas através das quais os resultados serão divulgados como: relatórios, artigos, exposição fotográfica, comunicação oral e outras.

REFERÊNCIAS

- CANALI, Naldy Emerson. **Geografia Ambiental: Desafios epistemológicos**. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (Org.) Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba Ed. UFPR, 2002.
- CASSETTE, Valter. **Ambiente e Propriação do Relevo** S. P: Contexto 1995.
- FOURNIER, Jérôme. **A natureza da Geografia e a Geografia da natureza**. In: Boletim Paulista de Geografia-Seção S. P. - AGB, 2001.
- MAIA, Doralice Sátyro. **Anotações sobre o trabalho de campo**. In: XI Encontro Nacional de Geógrafos. 1998. Anais.Vitória da Conquista-BA, 1998.
- MENDES NETO, Adalberto. **Trabalho de Campo**. Universidade Federal de Sergipe. S/d.
- MENDONÇA, Francisco. **Geografia Física: Ciência Humana?** –S.P. : Contexto, 2001
- MORAES, Antônio Carlos Robert. **Geografia: Pequena História Crítica**. São Paulo: HUCITEC, 1996.
- ROSS, Jurandiz Luciano Sanches. **Geomorfologia: Ambiente e Planejamento-** S.P. ; Contexto, 2001.
- SANT'ANA NETO, João Lima. Por uma Geografia do Clima. Antecedentes Históricos, Paradigmas Contemporâneos e uma Nova Razão para um novo Conhecimento. In.: Terra Livre, Ano 01, Nº01, S.P., 1986.
- SANTOS, Marta Campos dos. **Geografia em Campo**. In: IV Encontro Nacional de Ensino de Geografia-Fala Professor, Curitiba-PR. AGB, 1999.
- SEABRA, Giovanni. **Fundamentos e Perspectivas da Geografia**. João Pessoa-PB, Ed. Universitária/ UFPB, 1997.
- SILVA, Ana Maria da Radaelli. **Trabalho de Campo: Prática Andante de fazer Geografia**. In: XII Encontro Nacional de Geógrafos, Florianópolis-SC .2000.
- SUETERGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geografia Física(?) Geografia Ambiental(?) ou Geografia e Ambiente(?)**. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salette (Org.) Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba Ed. UFPR, 2002.
- _____. **A natureza da Geografia Física na Geografia**. In: Terra Livre, Ano 01, Nº01, S.P., 1986.